

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Presidente do Conselho*MANOEL FRANCISCO BRITO — *Diretor Presidente*ROSENAL CALMON ALVES — *Diretor*WILSON FIGUEIREDO — *Diretor de Redação*DACIO MALTA — *Editor*MERVAL PEREIRA — *Editor Executivo*ORIVALDO PERIN — *Secretário de Redação*

Ocaso da Moral

A inflação alta e persistente está corroendo os padrões morais do povo brasileiro, intensificando o individualismo, diluindo a solidariedade e acentuando a compulsão de se levar vantagem em tudo.

Os valores da sociedade e as normas de convivência se degradaram no imediatismo e na insegurança com relação ao futuro. Vivemos já em estado de hiperinflação encoberta: o Brasil é hoje a única economia capitalista do mundo com inflação anual acima de 1.000%.

O descrédito do Brasil no exterior é completo. Que investidor ousaria montar uma indústria em um país onde o longo prazo não existe? Ninguém pensaria duas vezes antes de colocar seu dinheiro numa aplicação financeira ao invés de comprar máquinas.

O cruzeiro está moribundo. Sobrevive na forma de cédulas fantasmas, com efígies históricas fugazes, apenas para os trabalhadores de baixa renda. O resto utiliza Fundões, cadernetas de poupança e outras engenharias financeiras de curtíssimo prazo. O drama é que pelo menos 100 milhões de brasileiros estão fora dos principais mecanismos financeiros de defesa contra a inflação: é portanto no bolso do pobre que a inflação mais pesa.

Pesa porque é ele quem mora mais longe do trabalho e mais gasta em transportes. Pesa porque é ele o mais sujeito à falta de infra-estrutura dos bolsões de pobreza, aos alimentos que lhe chegam caros pelos impostos já embutidos e que valem o mesmo para ricos e pobres. Porque é ele quem vive correndo contra um tempo que lhe dá 30 dias de sobrevivência com um salário que nunca chega ao fim do mês.

As empresas não planejam. Só existe a vida no dia a dia; pois produzir e vender leva tempo, exige crédito e confiança no futuro. Na ausência de credibilidade e de fé, patinamos sobre bolhas de consumo cercadas de miséria por todos os lados. Em vez de investimento, temos a especulação; em vez da produção, temos a disparada dos preços; em vez de estabilidade, a possibilidade recorrente da hiperinflação aberta.

Quando ninguém mais crê na moeda, o organismo econômico passa a viver de sangue artificial e cedo ou tarde suas partes produtivas começam a gangrenar. A inflação persistentemente alta sempre se associa à uma crise de legitimidade — que é mais grave ainda do que a crise de governabilidade. Não há apenas crise de governo quando os meios administrativos perdem a eficácia, e não mais obtém

consenso quanto aos fins nem confiança na consistência entre os meios e os fins.

A inflação prolongada generaliza a desconfiança e contamina toda sorte de transações. Não há mais referência clara para as disputas entre empregadores e empregados e entra em colapso a solidariedade dos trabalhadores. Todos vivem num estado crônico de tremor social, onde cada relação é permanentemente exposta ao veneno das acusações e ao vazio da insegurança.

A dúvida é onipresente e cresce a tentação do ganho rápido. A crise inflacionária é correlata a uma crise de sociabilidade que transforma a troca num ato suspeito. Associados à moeda está a redução quantitativa dos valores, a padronização do tempo, a explicitação das regras contratuais. A desmoralização da moeda contribui para a descrença na validade das regras formais e para o enfraquecimento das leis.

Como disse o antropólogo Rubem César Fernandes, a crise ética associada à cultura da inflação corrói os valores modernizantes, como os da responsabilidade individual perante normas universais. Mas corrompe também os valores tradicionais que sustentam a dimensão relacional da vida em sociedade. Perdem a honra, o respeito, a amizade, a vergonha. Perdem-se a razão abstrata e os vínculos calorosos. Até mesmo o clamor pela ética pode desandar num desesperançado apelo à ordem das casernas.

A sociedade brasileira vive no momento uma prolongada esquizofrenia entre sistema financeiro e sistema produtivo. Algo semelhante ao que ocorreu na União Soviética em 1923, na China em 1949 e na Alemanha em 1923. Na Europa do primeiro pós-guerra, houve crises morais agudas de comportamento e total colapso das normas sociais. Na Alemanha, os vícios tornaram-se aberrantes, a prostituição e o consumo de drogas se disseminou, a destruição das normas mais elementares de convivência social abriu o caminho para o nazismo e o racismo.

Hoje, não há um só grupo econômico brasileiro de projeção internacional. Nenhuma empresa brasileira conseguiu romper a barreira da globalização, atuar internacionalmente de forma competitiva. Nossas empresas se especializaram na jogatina do cassino financeiro, no lucro não-operacional ou no mercado da política. Temem o mercado, onde o que vale é a eficiência e a produtividade. Preferem a economia de estufa ao ar livre da concorrência.

Não podemos continuar marchando às gargalhadas para o abismo. Não há mais tempo a perder.